

Editora Zain



# Entre as raças

Heinrich Mann

TRADUÇÃO DO ALEMÃO

Fernanda Boarin Boechat

Paulo Astor Soethe

POSFÁCIOS

Paulo Astor Soethe

João Assim

**zain**

© Editora Zain, 2026

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Título original: *Zwischen den Rassen*

Esta tradução foi realizada com o apoio financeiro de Johannes Kärcher.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

**EDITOR RESPONSÁVEL**

Matthias Zain

**PROJETO DE CAPA**

Filipa Damião Pinto

**IMAGEM DE CAPA**

*Dawn*, de Edmund Hodgson Smart, 1907.

Óleo sobre tela, 155,6 × 111,1 cm. Rawpixel

**PROJETO DE MIOLO**

Julio Abreu

**PREPARAÇÃO**

Bárbara Prince

**REVISÃO**

Ariadne Martins

Juliana Cury | Algo Novo Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mann, Heinrich

Entre as raças / Heinrich Mann ; tradução do alemão Fernanda Boarin Boechat, Paulo Astor Soethe. — 1ª ed. — Belo Horizonte, MG : Zain, 2026.

Título original: *Zwischen den Rassen*.

ISBN 978-65-85603-32-4

1. Romance alemão I. Título.

26-348897.0

CDD-833

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura alemã 833

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

**Zain**

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes

30170-132 – Belo Horizonte, MG

[www.editorazain.com.br](http://www.editorazain.com.br)

[contato@editorazain.com.br](mailto:contato@editorazain.com.br)

[instagram.com/editorazain](https://www.instagram.com/editorazain)

## Nota à edição

A gênese do romance *Entre as raças*, publicado originalmente em 1907, encontra-se diretamente ligada à biografia de Julia Mann, mãe de Heinrich. Em especial na Primeira Parte, a obra dialoga com *Aus Dodos Kindheit* [Lembranças da infância de Dodô], livro de memórias que Julia escreveu sobre seus primeiros anos de vida no Brasil e, posteriormente, na Alemanha, para onde foi “transplantada” por decisão do pai alemão. O texto, escrito aos 53 anos de idade, contém diversas referências ao português, idioma cuja proficiência ela havia perdido ainda menina. Heinrich Mann, que se inspirou nessas memórias para escrever seu romance, decidiu valorizar esses elementos e com eles materializar linguisticamente a condição cindida de sua protagonista Lola Gabriel, inspirada em Julia.

A tradução optou por ser fiel ao original — e, portanto, também ao livro de memórias de Julia Mann —, mantendo, por exemplo, a palavra “Mai” para designar a personagem sra. Gabriel, mãe de Lola. Foi o próprio Heinrich Mann quem se decidiu pelo uso do termo em português “Mai”, grafia usual de “mãe” no século XIX. No manuscrito da obra, identifica-se o momento exato dessa decisão: o autor risca a palavra “Maman” e a substitui por “Mai”. Também o termo “Pai” é usado no lugar de “Vater”, assim como o neologismo translingual “Großpai” — de “Großvater”, avô —, que Heinrich também extrai do manuscrito de Julia.

Outro exemplo da herança intertextual é “kurubus”. É provável que Julia Mann estivesse se referindo a “urubus”, traída por uma lembrança já imprecisa da infância, ou que esse eco distante tenha servido de material bruto para designar outro pássaro qualquer que cabe ao leitor imaginar. A tradução manteve o termo como ícone das transformações proporcionadas pelos trânsitos e transferências da mobilidade, essa marca que a vida e a obra de Julia Mann e de seus filhos souberam transformar em fonte de liberdade e ímpeto criativo.

Entre outras escolhas de tradução, tem importância a origem de Lola Gabriel, caracterizada diversas vezes como brasileira, ou apenas como “americana” — “Amerikanerin” —, sendo evidente tratar-se da América do

Sul. É curioso pensar que o exílio na América do Norte, mais de trinta anos depois do surgimento de *Entre as raças*, guardou para Luiz Heinrich Mann (seu nome completo) e para seu irmão Thomas Mann, um aspecto sutil de retorno ao Novo Mundo. Um retorno que se atualiza uma vez mais, agora, com a tradução do romance “brasileiro” à língua materna da menina Julia, neste ano em que se comemoram os 175 anos de seu nascimento.

Por último, é importante ressaltar que alguns aspectos do romance *Entre as raças* podem causar estranhamento ao leitor de hoje. A começar pela palavra “raça”, cujo entendimento mudou ao longo dos anos, e que na obra deve ser compreendida em seu contexto histórico (questão discutida no posfácio desta edição). Ainda mais relevante é o uso da palavra “negro” — e suas variantes. Há passagens notadamente racistas, e o leitor saberá distingui-las, mas que se prestam, no fim das contas, para caracterizar negativamente a personagem que a emprega. Optamos por não utilizar notas de rodapé para contextualizar esses trechos por acreditar na capacidade do leitor de distinguir o que pertence à trama do que pertence à época.

# Entre as raças



# Primeira Parte



# I

Os negros que haviam conduzido o cavalo puxando-lhe a rédea tomaram sua sinhá pelos braços: estava fraca para apear sozinha; e então colocou-se deitada, escondida na grama alta; abanaram uma folha de palmeira sobre seus cabelos escuros divididos em um penteado sóbrio; o homem grande de cabelos louros curvou-se sobre sua dama pálida; e a criança veio ao mundo. Ao lado, as árvores das florestas virgens erguiam-se impassíveis e soberanas. De lá, onde a floresta era menos densa, vinha o som dos golpes do oceano, e do outro lado, na densidade da mata, o som dos gritos de papagaios selvagens e bugios.

A criança aprendeu com sua ama negra a falar e a andar sobre a areia entre floresta e mar. À beira do mar apanhava conchas que se desprendiam de rochas, e à borda da floresta colhia cocos caídos ao chão, dos quais os criados, com a ajuda de espetos incandescentes, extraíam leite doce. Frutas grandes e açucaradas enchiam suas mãozinhas; no jardim, ela se afogava em flores; e como faíscas douradas os beija-flores voavam sobre sua cabeça.

Naquele tempo, seu irmãozinho Nenê já era grande o suficiente para valer a pena brincar com ele. Buscava-se entre os rejuntes dos muros os minúsculos ovos de lagartos e cobras, redondos e moles. Da cauda de um tatu os negros traziam os menores anéis para que Nenê enfeitasse todos os seus dedos e os de sua irmã; e então se navegava sobre o lago num barril de madeira, e os “kurubus” pretos, que estavam nas folhagens, seguiam majestosos o percurso, com o olhar sobre o bico curvado vermelho-fogo.

E vivenciava-se na capital as chuvas tropicais: canoas circulavam nas ruas, e, aos baldes, os negros retiravam incessantemente a água dos quartos; e o Carnaval! À porta de persiana, sentava-se em uma cadeira pequena, em meio à confusão de máscaras; e a mamãe, a bela mamãe, jogava bolas de cera para cima, que estouravam e molhavam as vestimentas coloridas com uma fragrância suave. Mas de uma concha, que um homem muito vermelho havia colocado na boca, saía um som tão horrível que não se podia suportar; restava jogar-se para trás com a cadeira, levando Nenê ao chão.

E na Ilha Grande — a casa dos avós nadava em um aroma de flor de laranjeira — desfrutava-se de um pedacinho de cana-de-açúcar em meio a uma multidão de negros que trabalhavam na colheita. Ela chegava em casa correndo, aos gritos e tremendo muito, depois de topar com uma jiboia. E assistia, com olhos arregalados e cheios de entusiasmo, ao lado das crianças negras, amarelas e brancas da plantação, como o avô acendia rolinhos de papel e jogava-os no mar fazendo um grande arco, sibilante e reluzente. Tépido e arrastado, o mar serpenteava em direção aos pezinhos descalços; na camisa pequenina, que se fechava em um cinto muito apertado, aprisionava-se a ventania de uma noite quente, e bastava olhar para cima para se atordoar, tamanha a quantidade de estrelas.

Era magnífico: ser como todas as outras crianças; mas na realidade nem tanto. Era mais nobre. Cabelos louros — nem Nenê os tinha; e a negra Anna sentia orgulho e não se cansava de fazer cachinhos nesses cabelos. E também um papai louro: quem mais o tinha? Quando ele vinha até a ilha dos avós para visitar, andava-se de mãos dadas: era sério e muito maior que os outros; e quando se via que todos o olhavam maravilhados, então se fortalecia nela um amor forte e reverencioso.

Mas um dia — o que isso significava? — a mamãe, a bela mamãe, chorava, sentada à tarde na sala onde a avó tecia; sim, chorava alto. Mal ela viu sua pequena, pegou-a, caiu de joelhos à sua frente, gritou e engoliu o soluço:

“Lola! Minha Lola! Você não é minha?”

Com um dedo nos lábios, assustada e confusa, a criança olhava a avó, sentada, ereta e tensa como sempre, e tecendo.

“Você não é minha?”, a mãe suplicava.

“Sim, Mai.”

“Querem te tirar de mim. Diga que você não quer! Ouviu? Você não quer ficar longe de mim e de todos nós, quer?”

“Não, Mai. Meu Deus! Aonde devo ir? Quero ficar aqui: com Pai, com você, com Anna! Luiziana prometeu-me uma pequena canoa, vai trazê-la amanhã!”

Mas na mesma noite uma grande canoa já esperava a pequena Lola. A bela Mai restava desmaiada; Nenê pendurava-se aos berros no vestido de Lola. Mas um negro liberou-a e carregou-a em direção à água, os bracinhos apavorados quase o estrangulando enquanto ele pousava os pés descalços sobre grandes pedras quase submersas, avançando de uma para outra... O mar agitava-se nervoso, ondulava em trapos tristes na escuridão, e às vezes uma estrela atirava um olhar zangado. A criança agora estava deitada no barco; não gritava, apenas chorava silenciosamente na sua tristeza; os negros remavam calados e a quilha brilhava qual fosse o rastro de um delito.

## II

Pai e a negra Anna esperavam por Lola a bordo do barco a vapor. Que reencontro! Mas logo depois:

“Pai, é verdade que nós todos vamos embora? E Mai? E Nenê? E para onde vamos viajar?”

O sr. Gustav Gabriel viajou com a filha para a casa dele, já que a pequena deveria tornar-se alemã.

Com dezenove anos ele havia atravessado a fronteira e viveu essa experiência com entusiasmo. Até os trinta anos nunca tinha sentido saudades de sua pátria. Pensava nela como algo estreito e mesquinho; se ia à Europa, fazia-lhe uma visita por zombaria; sentia-se orgulhoso como brasileiro... Mas um dia começou a perceber que não era. Teve dificuldade nos negócios, o que o fez passar por humilhação por parte dos amigos e da família de sua esposa. De repente se viu sozinho, e diante de si toda uma raça; finalmente deu-se conta de como ela lhe era estranha e inacessível. Começou a sentir o poder da própria ascendência palpitar no peito, sentir-se produto de uma cultura de cuja grandeza os que o cercavam não tinham noção alguma. Buscando conterrâneos e aliados, deparou com os olhares de seus filhos. Eles deveriam crescer sob os usos e costumes de uma subcultura? Seriam seus inimigos um dia? Nunca entenderiam os sons que ele aprendera com sua mãe nas horas de ternura? Viu-os rir e trocar olhares entre si quando os chamou por apelidos carinhosos em alemão... Isso não! A pátria deles era outra e ele queria recuperá-la! Com o menino seria mais difícil: estava predestinado a suceder o pai nos negócios — mas a filha! Ele já se imaginava com ela no jardim da casa de seus pais. Gostaria de passar lá seus últimos dias. Via-se no caminho para a entrada da cidadezinha ao lado de uma moça loira, sua filha, uma alemã. Viu-se sozinho; queria que sua esposa — como ela se tornou estranha para ele! — ficasse com o menino: a filha teria de aprender a compreender o pai, viver na pureza e integridade como só se vive em casa. Era hora de ela ir para casa.

Em momento algum Pai havia sido tão carinhoso com Lola! E ela voltaria em breve; e logo Mai e Nenê iriam visitá-la. A viagem foi divertida, ela deveria admitir.

Esteve nauseada por um tempo — isso durou três dias. Mas Pai assistiu-a; ele mesmo fez tudo o que caberia a Anna fazer. Quando as crises de náusea acalmavam-se, Lola, esgotada, parecia feliz, e quando sua mãozinha aninhava-se na do Pai, ela inteira se aconchegava ali.

Então pôde se levantar e assistir aos marinheiros enquanto pescavam: até peixe com uma espada pelo nariz eles pegavam!

E logo veio alguém com uma mangueira e jogou água em todas as crianças. Elas escondiam-se atrás da chaminé ou dos rolos de corda. Havia jatos de água por toda parte; era uma mistura de entusiasmo e medo. Quando molhadas, as meninas gritavam amedrontadas, e se permaneciam secas os pais alegravam-se. Era de se surpreender como todos agiam animados e amigáveis entre si e com Lola. Parecia que não precisavam pensar em mais nada. Lola nunca tinha visto tanta gente amorosa. Alguém presenteara as crianças com chocolates, insistindo até que aceitassem. Até mesmo Pai raramente ficava sério. Mar e céu brilhavam indeléveis.

Mais uma vez entrava-se em águas cinzas, com nuvens acima e balançando muito. Lola não estava mais inquieta; no convés, com ajuda de seus joelhos, ela fazia do casaco de Pai uma pequena casa: agora as ondas poderiam vir! Desembarcaram logo; todos ficaram mais sérios, e Lola viu-se, junto a Pai e Anna, em uma cidade grande e bonita, onde todos andavam pelas ruas até cansar. Mas havia brinquedos que ela nunca conhecera em casa; Pai comprava muitos e ela se encantava. Numa manhã viajaram de trem e chegaram a uma cidadezinha cheia de casas bucólicas e ruelas que subiam e desciam montanhas. Num veículo imenso, que chacoalhava muito, chegaram até o portão de entrada, e de uma casa saiu uma senhora velha e pequena que pulou no pescoço de Pai. Lola assustou-se com Pai, que chorava. Como era possível? A velha senhora puxou o rosto de Lola pelo queixo muito próximo ao seu, até a linha dos cílios daqueles olhos, que a observavam carinhosamente. Mas o que ela queria? Era incompreensível. Lola olhou confusa para Pai; e quando eles entraram na casa, Pai explicou que aquela era a mãe dele e que hoje era aniversário dela. Ele trazia Lola de presente.

A casa cheirava a bolo e flores; os irmãos de Pai também estavam ali e abraçavam-no. A Lola, davam-lhe a mão. Um deles sussurrou algo no ouvido de Pai e então desejou boas-vindas a Lola em sua língua. Ela riu. Tudo teria sido bom, mas então veio a nova avó com muito afeto para colocar os braços em volta do corpo da menina e ficar de joelhos à sua frente. O rosto de Lola deformou-se em lágrimas. Todos lançavam perguntas a Pai, e ele traduzia:

“O que aconteceu?”

“Nada, Pai. Lembrei de algo”, disse a menina, balbuciando e ao mesmo tempo sorrindo.

Era exatamente assim que nos últimos dias a bela Mai havia estado à frente de Lola, mas em lágrimas e lamentos. Lola pensou: “É verdade que logo poderei voltar para ela?”.

Um dos tios alegrou-a: batia palmas e ela deveria correr dele. Ela obedeceu, e sorria quando o tio a pegava. Depois todos brincaram juntos, queriam esconder-se e o tio divertido deveria procurá-los. Alguém mostrou a Lola um ótimo esconderijo: atrás de uma casa no jardim e embaixo de uma árvore escura. Lá ela ficou e ninguém a encontrava. Nenhum barulho no jardim. “Esqueceram de mim?” Sentiu um medo inquieto: “Pai se foi, Anna também; me deixaram sozinha!”. Baixou a cabeça, atordoada, e colocou as mãos sobre o rosto. Totalmente sozinha! Passos se aproximaram, ela se refez e emitiu um gorjeio vivo e curto. Demorou um pouco; bisbilhotou segurando a respiração, gorjeou mais uma vez e então encontraram-na.

“Para que você não precisasse me procurar por tanto tempo”, explicou, mesmo que seu tio não entendesse.

No jantar ela estava animada e até cantou uma canção: era de uma sonoridade nasalizada, como aprendera com os negros. Mas em meio a um momento de alegria, enquanto Pai ainda ria, ela pegou a mão dele e cochichou-lhe algo no ouvido, pegando-o despreparado.

“Nós viajaremos logo para casa, não é verdade, Pai?”

Pai fez que sim com a cabeça, mas ficou sério, e Lola viu que ao mesmo tempo ficara irritado. Perturbada, ela se calou: era possível que não pudesse mais confiar em Pai?

“Você não sabe quando iremos viajar para casa?”, perguntou depois a Anna, no quarto.

Não, Anna não sabia, e Lola confiava nela. O olhar de Anna percorria o quarto, sua cabeça se movia com os trejeitos de um animal preso na jaula; os olhos de Lola seguiam-na; as duas se observavam perdidamente.

Mas a nova avó era tão alegre! Era impossível andar de mãos dadas com ela pela casa sem que algo divertido acontecesse; iam ao sótão, onde ficavam as maçãs, e buscavam roupas coloridas e bonecas velhas e estranhas. O segundo tio, por sua vez, trazia consigo muita vivacidade — e era muito divertido sair com Anna em meio às crianças alemãs que supostamente nunca tinham visto um negro. Chamavam atenção! Algumas vezes vinham muitas crianças e chegava a ser importuno. A única solução mesmo era jogar balas para elas; e escapar enquanto as disputavam... Entre as outras

pessoas amigáveis que Lola havia conhecido, estava um homem vestido de preto com barba branca. Um dia ele estava sentado no quarto da avó e perguntou algo a Lola. Pai explicou que o homem queria saber se ela gostaria de se converter ao protestantismo, e aconselhou que ela se convertesse. Ela disse que sim e recebeu figurinhas coloridas do velho homem e à noite a levaram ao circo. Eram tantas vivências que certamente já passara um ano.

“Já estamos aqui há um ano, não é mesmo?”, perguntou certa noite.

Pai respondeu:

“Isso é o que você acha. São só seis semanas.”

“Só? Mas já é de novo inverno?”

“Não, criança. Aqui o verão é assim.”

Ela gostaria muito de perguntar mais uma vez sobre a viagem para casa, mas Pai não parecia preparado para isso. Ele tinha o cenho franzido, o que há muito não se via. Os outros também falavam muito menos. Até a avó tinha apenas um meio-sorriso. Lola foi para a cama angustiada.

Durante a noite, sonhou algo triste: ela viu um negro — não sabia qual, mas algum de que gostava muito — ser espancado por um guarda cruel; escutou seu gemido, desatou em lágrimas e correu para reclamar para o seu avô; correu e chorou. Ela acordou ainda soluçante, e outros soluços ainda vieram. A negra Anna agachou-se, inclinou-se na cama e lamuriou, contendo-se.

“Sinhazinha, tenho de ir-me. Amanhã o sinhô e Anna irão viajar com o barco a vapor de volta para nossa terra; mas a sinhazinha fica aqui.”

E como Lola começou a berrar, ela continuou:

“Quietinha! Anna não tem permissão para dizer nada: o sinhô a proibiu. Anna precisa ir embora sem se despedir; mas não consegue!”

“Você não deve ir! Ouça, não faça isso! É uma ordem!”

A voz da criança estava cheia de ira:

“Pai não vai me deixar aqui. Isso é tudo mentira.”

A ama apenas repetiu em tom de lamento:

“Quietinha! Anna precisa ir embora.”

E no seu murmúrio a ira da pequenina foi desaparecendo pouco a pouco. Ela se deixou cair nos ombros de Anna, abatida, soluçante, suplicante:

“Não vá embora!”

“Anna precisa ir.”

“Se você for, então...”

A criança teve um sobressalto de dor. Pressionou seu rosto nos ombros nus e negros; e junto ao cheiro oleoso dessa pele, na qual outrora dera seus primeiros suspiros, elevaram-se as memórias mais remotas, envolvendo-a.

Lola viu primeiramente, em uma imensidão de imagens perturbadoras, uma floresta de palmeiras; depois muitas silhuetas de negros trejeitosos, indescritivelmente belos, agachados em volta de caldeirões com carne nos quais ela costumava mergulhar suas mãozinhas; viu um pedaço do mar azul, agitado e espumante, e à frente o basto fronde de cana-de-açúcar; viu Nenê, o lago e os “kurubus”...

“Se você for embora”, choramingava, “então...”

Surgiu uma explosão de flores nas pálpebras apertadas pelos ombros de Anna. E em meio às flores pendia uma rede com a bela Mai que acenava e desviava o rosto aos poucos, como diante de alguém que se ausentasse:

“Se você for embora, então... estará tudo acabado!”

De manhã, Pai entrou no quarto e disse:

“Querida Lola, Pai precisa viajar de volta e, até retornar, deixa-te aqui por pouco tempo.”

A criança baixou a cabeça, nada mais.

“Não seria bom para você viajar mais uma vez para tão longe?”

Lola abriu os olhos com força e disse com vigor, com uma astúcia desesperada:

“Pai, me leva junto?”

“Minha filha é ajuizada, é verdade”, respondeu Pai sem tom de pergunta; e Lola forçou um sorriso. Pai pegou-a pela mão e levou-a para a cidade; atravessaram um mercado até uma casa velha; na porta vítrea do corredor, depois de entrarem, ressoou o tinir de um sino.

“Aqui mora uma senhora bondosa”, disse Pai, “que quer ficar com a minha Lola enquanto Pai não estiver aqui.”

O corredor era longo; de duas em duas ou em fila, meninas circulavam de mãos dadas sobre o chão de pedra; outras pulavam para o jardim por entre as abas de uma porta adornada com vidro colorido. Havia meninas grandes e pequenas, mas a menor, Lola já havia reparado, era ela. Ela observava da sala, onde aguardava junto de Pai. Na casa havia papéis de parede brancos com flores douradas, um relógio de parede, janelas enormes que davam para um jardim com árvores; e Lola virava-se de um objeto para outro, suspirando angustiada. Já era quase hora: Pai estava distante. Mas ele ainda segurava sua mão; e logo já estaria longe! Quantas coisas ela teria para lhe dizer, para que ficasse — ele teria de ceder. Ela começou com os lábios retraídos:

“Pai, olhe que homem estranho no relógio.”

Ela pensou, exaltada: “Não era isso que eu queria dizer”.

Pai não tinha pena? Ela fingia uma aflição sincera. Pai olhava para a frente, com a boca fechada firmemente e o cenho franzido; e pela primeira vez Lola sentiu que ele tinha a feição severa por estar triste: fazia-se severo pelo amor que tinha por ela. Isso a deixou feliz e acalentada; apertou a mão de Pai, que olhou para baixo, nos olhos de Lola. Lá fora, entre as meninas, tudo estava mais quieto; e uma pequena dama, em um vestido preto, descia apressada pela escadaria amarela. Ela mal chegou embaixo, e já estava defronte ao cômodo, de portas abertas. Não havia salvação? Pai não faria nada? A pequena dama tinha um ombro mais alto do que o outro; os braços ladeavam o vestido de luto amarrotado, pendiam do corpo arcado; e, porque ela sorria, seu nariz enchia-se de pregas, no rosto longilíneo e pálido. Lola reparou em tudo isso com uma precisão assustada. Estava como em um sonho do qual se quer correr sem poder sair do lugar. E de repente sentiu os dedos magros e frios da pequena dama tomarem sua mão. O que ela estava dizendo? Lola virou-se para Pai, sem entender nada.

“A srta. Erneste está te cumprimentando”, explicou Pai, “e prometendo que lhe terá amor e lhe ensinará tudo de bom. Você deve agradecê-la.”

“Obrigada”, disse Lola com dificuldade, em alemão.

Então a senhorita, com manifestações efusivas de alegria, começou a beijar Lola no rosto, beijos rígidos que causavam certa dor. Lola não compreendia; ficou assustada, e, em meio a isso, a senhorita já havia falado muita coisa, frases que soavam como perguntas. Lola foi ouvindo pouco a pouco o que ela dizia com a pronúncia sempre mais clara e pausada. Procurou novamente a ajuda de Pai, mas ele havia se sentado na cadeira e já não tomava conta dela. E a senhorita achegava-se a Lola com seu dedo em riste. Lola não suportou por muito tempo o constrangimento e, com olhos fixos nos da pequena dama, rompeu amedrontada em soluços... Então aconteceu algo estranho. O olhar da senhorita, ávido de atenção e obediência, de repente caiu em si e encheu-se de impotência. Mesmo antes, ela já não era grande, e agora não parecia muito mais alta que Lola; tinha um ar envergonhado enquanto baixava a cabeça em súplica à procura das mãos. Lola assustou-se novamente, mas não por estar preocupada consigo. O que acontecia com a senhorita? Uma compaixão desconcertada tocou seu coração e ela sorriu carinhosamente. Hesitante, levantou um pouco as mãos da senhorita que pousavam sobre as suas e de repente tocou-lhes com os lábios. Mas se separaram logo a seguir. Lola correu para Pai, pendurou-se no pescoço dele e gritou para desviar a atenção que Pai dedicava à senhorita e a pensa-

mentos dispersos: “Que macieira maravilhosa ali perto da janela”. Enquanto a senhorita chamava Pai, ele tomou Lola no colo e ela pôde colher a fruta.

Assim, os três foram para o jardim; de alguma forma Lola sentia-se feliz. E antes que alguém percebesse, ela já estava sentada no topo da macieira. Pai advertiu-a, mas ela achou que era divertido; a senhorita riu, sincera, e por todos os cantos do jardim meninas corriam para olhar a pequena rebelde. Elas dançavam em torno da árvore, gritavam e estendiam as mãos. Pai disse que a senhorita permitia que Lola apanhasse maçãs para as outras meninas, para festejar sua chegada; Lola as jogou para as meninas; subia de galho em galho, escolhia uma com olhar sério e jogava-lhe no avental. Quando Lola desceu, as meninas maiores cercaram-na e a acariciaram. Mas um sino tocou e todas correram para dentro da casa. Pai e Lola seguiram a senhorita até um caramanchão, onde o café da manhã estava servido.

Com a refeição, Lola recebeu meio copo de vinho; então Pai pegou-a pelos joelhos, beijou-a e disse: “Agora corra à vontade”.

Apesar disso, ele a segurou pelo braço e ficou olhando-a. Ela escapou.

“Mais um beijo, pequena”, Pai ainda gritou-lhe.

“Daqui a pouco!”

E ela pulou atrás de uma borboleta. Entreteve-se e pensou: “Mas que rosas grandes!... Eu tenho de olhar que buraco escuro é esse que tem no muro... Pai é bonzinho, a senhorita também... Um lagarto... As meninas não vão voltar?... Que dia gostoso!”.

“Pai!”, ela exultou.

“O jardim é tão grande que ele não me escuta. Onde está o caramanchão? Ah! Tenho de contornar essa cerca... Mas e agora?”

“Pai!”, e ela correu.

De repente parou: só a senhorita estava no caramanchão.

“Pai?”

Lola aproximou-se devagar. Seus olhos percorreram todo o caramanchão e o jardim e fixaram-se resignados no olhar da senhorita. O que dizia aquele olhar? Podia ser? Ele não teria feito isso! Lola recompôs-se e perguntou:

“Onde está Pai, senhorita?”

A senhorita disse algo mais de uma vez, mas não devagar e claramente como antes. Mesmo assim Lola entendeu, e ergueu os braços, em lágrimas.

“Ele queria um beijo meu! Como pôde ter ido embora sem meu beijo?”

Lola bordejou em si mesma e, com passos inseguros, seguiu em direção à casa. No meio ela parou, deixou os braços caírem e abaixou a cabeça; as lágrimas que escorriam limpavam de seus lábios o beijo que não pôde dar em Pai.